



Voz de Forjães

TAXA PAGA
4740 Esposende



Ano XXVIII

N.º 172

Dezembro/97

BIMESTRAL

AVENÇA

Composto e impresso na
Tipografia Camões
Póvoa de Varzim
Telefone, 683831

Avulso 75900

Propriedade: Fábrica da Igreja Paroquial de Forjães
Redacção e Administração: Centro Paroquial — Pessoa Colectiva n.º 501304908
Expediente: por uma Equipa Juvenil — Telef. 87 1153

Depósito Legal n.º 15471/87

Director e Editor: *Justino Moreira da Silva*
4740 Vila de Forjães - Esposende — Portugal

NATAL



Cai neve em flocos brancos, levezinhos
e vai caindo sempre... sem cessar...
Natal! Natal! Mais doem os espinhos,
As desditas que temos de amparar...

Ó mundo! Olhai!, e vede, os pobrezinhos
que sentem fome e frio no seu lar...
Outros sem lar... que vão por maus... caminhos!
Por caridade os deveis salvar!

Humanidade! Vossas mãos piedosas,
que venham desfolhar ramos de rosas
na triste vida dos que nada têm!...

Vereis então Jesus ficar contente
no seu espaço de Luz resplandecente...
e piedade terá, de vós também!

Christina Bérens Freire

Eleições Autárquicas

Serafim da Costa Tores (LIF) e Sílvio Azevedo Abreu (PSD) foram os candidatos à Junta de Freguesia de Forjães, no dia 14 de Dezembro.

Com uma campanha eleitoral caracterizada pela correcção das duas candidaturas, foi vencedor Sílvio Azevedo Abreu.

Ambos são dignos de respeito. Em democracia é indispensável o trabalho da oposição.

Na Câmara Municipal de Esposende continuará Alberto Queiroga Figueiredo, e na Assembleia Municipal o Eng.º António Fernandes Ribeiro, ambos do PSD.

Boas Festas

Aos amigos, leitores, Forjanenses presentes
e ausentes, um Santo Natal e um ano de 1998,
próspero e feliz.



Movimento Religioso

Receberam o baptismo

- «O Baptismo é o momento inicial de uma Vida com Deus e para Deus..»
- «Toda a família se deve preparar para reviver o seu Baptismo e recolher o neo-Baptizado ou neófito.»
- «É importante que os filhos vejam os pais a viver e frequentar os sacramentos.»

OUTUBRO

- Alexandra Miranda Quesado, filha de José Manuel Razão Quesado e de Maria Isabel Miranda Sá da Quinta, lugar da Madorra.
- Marta da Cruz Faria, filha de José Carlos de Faria e de Maria de Fátima Gomes da Cruz, lugar da Madorra.
- Gabriela Sousa Silva, filha de Joaquim Augusto Quesado da Silva e de Idalina Maria Pereira de Sousa, lugar de Além do Ribeiro.
- Patrícia Daniela Sampaio Morêncio, filha de Patrício Fernando dos Santos Morêncio e de Fernanda Maria Rodrigues Sampaio Morêncio.
- Andreia Maria Matos Meira, filha de Artur Jorge Gonçalves Meira e de Ilda Maria Cardante Matos, lugar de Freiria.

Conferência Vicentina

A nova Conferência Vicentina tomou posse, no dia 7 de Outubro, no Salão Paroquial:

- Presidente — Dr.^a Maria Cândida Sampaio Ribeiro Lima da Cruz;
- Secretário — Prof.^o Maria Fernanda Vilaverde da Cruz;
- Tesoureiro — António Emídio Portela da Cruz;
- Vogais — David Fernandes do Vale e Mário Costa Dias.

Doutoramento

O Professor Doutor Carlos Alberto Brochado de Almeida, prestou provas de doutoramento, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no dia 22 de Outubro.

O trabalho «Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho», fruto de muito trabalho e reflexão, foi classificado de «obra monumental» e mereceu a classificação máxima «Muito Bom com distinção».

Ao ilustre forjanense, parabéns.

NOVEMBRO

- Patrícia Silva Martins, filha de Oreste Lima Martins e de Maria Teresa Ribeiro Silva Martins, lugar do Cerqueiral.
- Catarina Pereira Martins Ribeiro, filha de José Salvador Pereira Torres Ribeiro e de Maria Júlia Pereira Martins, lugar de Freiria.

Casaram

- A Igreja sempre considerou a Sexualidade Matrimonial como ideal de paz e harmonia da comunidade conjugal.
- A transmissão da vida humana associa o homem e a mulher ao poder criador de Deus — missão nobre e sublime, não «mal necessário».
- A Sagrada Escritura compara o amor do homem e da mulher ao amor de Jesus Cristo pela Igreja, por quem deu a vida.

OUTUBRO

- Dia 11 — Secundino Manuel Miranda Coutinho, de Viana do Castelo e Sara Maria Lages de Almeida, desta paróquia de Forjães.

Foram testemunhas: José Luís Duarte Miranda e Fernanda do Céu Faria Lages.

Pediram documentos

Jorge Mateus de Castro Portela, Belinho.

Faleceram

- «Assim como um dia bem passado nos faz dormir bem, também uma vida bem usada nos traz uma morte feliz.»

OUTUBRO

- Dia 22 — José Gonçalves Pereira, 78 anos, casado com Maria Ângela do Casal Martins, estrada da Madorra.
- Dia 22 — Manuel Maciel Silva Torres, com 73 anos, casado com Otilinda Pedreira. Faleceu em Viana do Castelo, onde ficou sepultado.
- Dia 26 — Ana Gonçalves da Torre, 84 anos, viúva de João Peixoto da Mota. Faleceu no Hospital de Viana do Castelo, sendo sepultada em Forjães.

NOVEMBRO

- Dia 7 — Laurentino de Faria Sampaio, 83 anos, casado com Irene da Cruz Sampaio, lugar da Pedreira.
- Faleceu de acidente quando levava o oratório da Sagrada Família.

A vítima da Sida

Publica-se entre nós uma revista bimestral intitulada «Informação Sida». Contém um conjunto de informações sobre aquela doença e insere na face interior da contracapa uma coisa que me impressiona. Juntamente com um anúncio de página a uma marca de preservativos, traz, colado, um invólucro com um destes objectos.

A causa do meu espanto — embora isso não constitua novidade reside na ligação que se faz da Sida ao preservativo. Para certos indivíduos dá a impressão que falar de Sida traz anexa a obrigação de aconselhar as pessoas a praticarem o que chamam de «sexo seguro», utilizando para isso o preservativo. Porque se não recomenda às pessoas que pratiquem a virtude da castidade? Porque se lhes não recomenda que observem as normas de moral sexual propostas pela Igreja Católica? Porque se envereda pelo caminho das facilidades como se não houvesse uma alternativa ainda mais segura?

A Sida é um dos grandes problemas que se apresentam à sociedade de hoje. Trata-se de uma grave doença, para que ainda se não descobriu remédio, que pode ser contraída por quem arrisca certos comportamentos relacionados com uma actividade sexual sem regras, mas não só. Pode ser contaminado pela Sida quem, seguindo uma vida sexual regrada, é vítima de «acidentes»

relacionados com uma transfusão de sangue ou uma ida ao barbeiro, por exemplo, se há cuidados que se não observam.

A vítima da Sida é um doente como qualquer outro. É injusto marginalizá-la ou discriminá-la. Tem o direito, também ela, à solidariedade dos outros, à assistência médica, ao acolhimento devido a qualquer pessoa humana.

A vítima da Sida nem por isso deixa de ser uma pessoa humana, como todas as outras sujeito de direitos e também de deveres.

Sendo a Sida uma doença transmissível quem dela sofre deve fazer tudo para não contaminar seja quem for.

Quando alguém, vítima da Sida, não quer praticar a castidade, então, como mal menor, que utilize o preservativo, para que evite a contaminação de um eventual parceiro sexual. Mas isto, insisto, como mal menor. Para que a doença não alastre.

O ideal, porém, é que as pessoas se interroguem seriamente sobre o seu comportamento sexual. Que os solteiros se abstenham de relações sexuais. E que os casados se não esqueçam de quanto se recomenda relativamente à castidade conjugal, mantendo-se fiéis ao seu parceiro e evitando aberrações sexuais.

Silva Araújo

Encontro Relacional

(Segunda Parte)

O relacionamento entre as pessoas é uma arte, na qual o homem descobre uma história que inclui as relações do homem com os outros homens.

Foi neste sentido que nos pronunciamos anteriormente ao dizer que a manifestação do eu e um tu que aparece, se aproxima e se manifesta em sua autenticidade, constitui o tecido e a compreensão mais grandiosa de proximidade. A partir desta proximidade nasce, desenvolve-se e progride de modo centrífugo, de forma radiada, ondas de aproximação. É nestas ondas que devemos aprender a navegar porque, é nelas que devemos e temos necessidade de navegar; não tanto por serem ou não ondas mais serenas ou mais suaves, quanto porque são as únicas que nos conduzem com dignidade e segurança ao porto que nos aguarda. E porque são as únicas que nas conduzem com dignidade e segurança temos fortes razões para assim fazer e temos, sobretudo, mil e uma maneiras de proceder, saibamos nós encontra-las.

Tudo acontece ou deve acontecer em tempo oportuno e isto é útil, é salutar e é bom. Uma breve referência ao nosso tempo, ao impulso e às transformações de vida do nosso tempo, ajudar-nos-á a compreender melhor o espírito do nosso tempo e da nossa sociedade. Como seres espirituais, quanto melhor compreendermos a nossa sociedade, melhor compreenderemos a vida que nela encarna, a nossa vida.

O espírito do nosso tempo é de sinal comunitário. Apesar da explosão científica e tecnológica a que diariamente assistimos desde há décadas, creio bem poder afirmar, e estou certo de que isso vai no sentido da verdade, que, a grande descoberta do nosso século foi o aparecimento de um «nós». Enquanto que as descobertas científicas e tecnológicas, por mais sofisticadas que sejam, permanecem sempre periféricas ao homem, o «nós» é descoberto como uma realidade central da existência humana.

Como realidade central da existência faz parte do homem, dos homens e das sociedades. Por fazer parte do homem possivelmente a partir do nós poder-se-á criar ou iremos criar uma nova pessoa, uma nova sociedade, um novo tipo de família humana, um novo tipo de Universalidade.

O nós é uma realidade tão simples quanto difícil de precisar. Difícil de precisar porque, a «Nostricidade» não é um ser de razão. É algo novo que surge no mundo das relações interpessoais, distinto do tu e do eu a que desde há muito ano habituamos. A «nostricidade», é uma realidade que nasce das e é sustentada nas pessoas, pois não pode existir um nós se não existir um tu e um eu.

Além do seu nascimento, que é muito importante e necessário, a nostricidade é uma realidade dinâmica e relacional que somente se dá quando as pessoas se relacionam. Dado que a nostricidade constitui a matriz constitutiva das pessoas na relações interpessoal, ela não se dá, não aparece e não nasce simplesmente com uma relação dual. Ela surge no interior das pessoas, o que implica relação interpessoal, e projecta-se exteriormente. De facto, bem analisado e penetrando um pouco mais no interior e no sentido das expressões — e perdoem-me as repetições que considero importantes para uma melhor compreensão — na constituição do nós, da «nostricida-

dade», o eu é eu em nós, o tu é tu em nós, o ele é ele em nós e o vós é vós em nós.

Ao nascer no interior das pessoas e ao desenvolver-se nas relações interpessoais a «nostricidade» forma-se com a reciprocidade das pessoas, do que resulta a comunidade. A comunidade é algo de vital e operativo no nosso tempo, para cuja vitalidade e operatividade o «nós» se vai construindo, tem de se ir construindo. Dada a importância de tal construção, que depende do homem e só dele, é necessário ter presente que formas deficientes do eu e do tu conduzem a formas deficientes do nós, ou seja, formas deficientes do eu e do tu são, desde logo, formas deficientes do nós

Mas o homem é um ser de verdade que anseia a verdade, e a verdade do nós depende da verdade de cada um de nós. Todos somos chamados, todos são convidados e todos têm de participar na construção da verdadeira estrutura humana — a Nostricidade. E porque a «nostricidade» constitui a matriz da verdadeira estrutura humana, o nós, a «nostricidade», é o espelho da nossa verdade, onde cada um se vê, se deve conhecer e com a qual se deve identificar.

Como espelho que reflecte e como algo que se constrói a partir da integração das pessoas e delas irradia, o «nós», a «Nostricidade», deve realizar-se a partir da perfeita integração das pessoas: em uma vida comunitário, em uma tarefa comunitária, que trará consigo o aparecimento de uma responsabilidade comunitária.

R. I.

Orgulho do Timorense

O timorense tem muito respeito pela bandeira. Povo guerreiro, andou metido em lutas, combateu-nos também, mas reconheceu-nos como gente amiga e devotou-se aos portugueses.

O grande orgulho do timorense é ser português. O amor pela bandeira, que todos

os «moradores» possuíam e, religiosamente, guardavam em suas casas levava-os aos maiores sacrifícios. Arriscavam a vida pela sua defesa.

Quando o japonês dominava a ilha e procurava para seus aliados os indígenas, começou por confiscar todas as bandeiras que os chefes possuíam em suas casas. A notícia correu por toda a parte com a velocidade de ciclone. E os indígenas começaram a enterrá-las em lugares secretos. Quando a ocupação terminou e o último japonês saiu da ilha, foram desenterrá-las com grandes cerimónias e festas. Muitas destas bandeiras, velhinhas, quase sem cor, esparrapadas, figuraram, como relíquias heróicas, nos cortejos e paradas.

O indígena de Timor nunca pisa a sombra da bandeira. Para ele é o símbolo sagrado, que representa, ao mesmo tempo, a vitória na guerra e a abastança na paz. Aquelas duas cores seduzem-no.

Quando a oculta do dominador, era cúmplice na saída de brancos para a Austrália, ou quando socorria com milho, famílias que morriam de fome. E aos mais doentes e aos mais desanimados, com muita esperança consolavam-nos mostrando-lhes a bandeira Portuguesa oculta nas vestes.

Os timorenses são grandes lutadores e muito patriotas.

José Albino Queirós Tomás

As nossas contas

«Voz de Forjães» agradece, reconhecidamente, a presença dos amigos:

Com 5.000\$00 — Albino Martins Ribeiro Gomes e Doutor Torres de Sá.

Com 3.000\$00 — José Alberto A. Sá.

Com 2.500\$00 — Aníbal Couto Pereira da Silva e Maria Amélia Sampaio Cruz.

Com 2.000\$00 — Manuel Torres de Faria, António Faria Viana, António Gouveia de Brito, António Miranda R. Torres, Jaime Alves F. Queirós, Armando Pereira Rolo, Aurélio Sá Rodrigues, anónimo, António Gonçalves Costa Portela e José Faria Sampaio.

Com 1.500\$00 — Rogério Maciel da Fonseca, Joaquim Matos Costa Rodrigues e Germecindo Cruz Rodrigues.

Com 1.000\$00 — David Fernandes do Vale, Adriano Barreira, Maria Emília Silva

Vale, Marílio Silva e Sá, António Lima Torres, Manuel Almeida Sampaio, Isidro Azevedo Abreu, Inocência Freixo, Jorge Costa Cruz dias, Manuel Alves da Cunha, Dr.ª Maria Lina Queirós Faria Mota, José Albino Sousa Ribeiro, Serafim Barbosa Almeida, José Maria Torres da Silva, Porfírio Penteado, Julita Brochado e Álvaro Rodrigues de Almeida.

Com 800\$00 — Joaquim Campos Ribeiro.

Com 500\$00 — Manuel Jesus Fernandes, Álvaro Torres Jaques, António Fernando Santos Cunha, Maria Otília Santos Cunha, António Silva Boucinha, Manuel António Martins Jaques e Manuel Gomes da Silva.

Bem hajam.

DESPORTO



Ao longo destas jornadas do início do campeonato, o Forjães S. C. está a dar boa conta de si, com os vários sectores da equipa afinados. Assim a continuar é de prever uma excelente classificação final.

É indispensável o apoio de todos...

OS RESULTADOS

SENIORES

Est. de Faro, 0 — Forjães, 0
Forjães, 1 — Fragoso, 1
Cabanelas, 2 — Forjães, 2
Forjães, 1 — Lama, 0
Gandra, 2 — Forjães, 4
Forjães, 3 — Balugadense, 1
M. de Rates, 0 — Forjães, 1
Forjães, 3 — Vila Chã, 0

JUVENIS

Forjães, 1 — Andorinhas, 3
L. de Neiva, 0 — Forjães, 3
Forjães, 2 — Creixomil, 0
Gil Vicente, 0 — Forjães, 0
Forjães, 1 — Martim, 0
Brufense, 0 — Forjães, 0
Forjães, 0 — Sta. Maria, 1
S. Vicente, 5 — Forjães, 3

INICIADOS

Forjães-Apúlia, 0-4; Estrelas-Forjães, 4-0; Andorinhas-Forjães, 7-2; Forjães-São Vicente, 0-3; Marinhãs-Forjães, 1-0; Forjães-Est. de Faro, 0-7; Esposende-Forjães, 5-1.

SÍNTESE DE NOTÍCIAS

— No dia 23 de Novembro, festa de Cristo Rei, na Sé Catedral foi encerrado o 40.º Sínodo Diocesano.

— Por decisão da Conferência Episcopal Portuguesa vai realizar-se em Braga um Congresso Eucarístico Nacional em 1999. Esta iniciativa está integrada na preparação do Jubileu do ano 2000.

— O Grupo Arco Íris, de reflexão e aprofundamento da Bíblia, está a preparar uma cena dramática «Mensagem de Natal», para representar na quadra natalícia.

— Os catequistas estão a trabalhar na organização da festa de Natal.

— A Comissão da Festa de S. Roque apresentou contas públicas com uma receita de 2.654.250\$00 e despesa de 2.645.820\$00, sendo o saldo de 8.430\$00. Este saldo foi entregue à Comissão Fabriqueira para veneração da capela.

— A Congregação Mariana organizou a festividade da Imaculada Conceição, no dia 8 de Dezembro.

— José Boucinha da Cruz e Maria Odete Dias Gomes, do lugar da Ponte, celebraram Bodas de Prata Matrimoniais, no dia 9 de Dezembro. Parabéns.

— Domingos Torres da Cruz e Maria Viana Ribeiro Lima, do lugar do Boucinho, celebraram Bodas de Ouro Matrimoniais, no dia 13 de Dezembro. Parabéns.

— A Associação Equestre Tauromáquica e Desportiva de Forjães esteve em acção, no dia 26 de Outubro, no Souto de São Roque, com uma gincana de cavalos. Concorreram 36 cavaleiros. Albino Lages foi o primeiro forjanense, classificando-se em 7.º lugar, com o «Brigadeiro».

RETALHOS DE HISTÓRIA-XLVI

Irmandade das Almas em Forjães — 1700

Na caixa do arquivo da Confraria das Almas da Paróquia de Forjães existe uns estatutos com a data do ano de 1700.

A Confraria (Irmandade) das Almas já existia antes do ano de 1700. O título destes estatutos demonstram a sua antiguidade: «Estatutos da Irmandade das Almas *novamente instituída* na paróquia de Santa Marinha de Forjães, termo de Barcelos, Ano de 1700».

A palavra «novamente» quer dizer que antes já existia. Daqui podemos concluir que deve ser das mais antigas em Portugal.

A intensificação da devoção às Almas do Purgatório e a criação de Irmandades vem do Concílio de Trento como reacção às teses de Martinho Lutero e seus seguidores protestantes que negam a sua existência.

O Concílio de Trento iniciou-se no ano de 1545 e prolongou-se até 1564. As comunicações, nesse tempo, chegavam muitos anos depois. Neste sentido é justo concluir a sua antiguidade (anterior a 1700), mesmo a nível nacional.

Com estes dados já se pode compreender, ainda hoje, a grande devoção às Almas do Purgatório em Forjães. Esta paróquia tem, actualmente, catorze nichos de Alminhas. Convém, no entanto, salientar que a devoção às Almas e seus sufrágios é muito anterior ao Concílio de Trento.

Nas Comunidades Judaicas, no Antigo Testamento, era prática corrente como se pode constatar pelo 2.º Livro dos Macabeus, 12, 42-45: «no final do combate houve oração pelos mortos e foram recolhidas dez mil dracmas para oferecer um sacrifício pelos que morreram...»

São Paulo na 1.ª Epístola aos Coríntios 3, 13 e ss, Tertuliano no Tratado «De anima, 58» e continuado pelos Padres da Igreja Oriental e Ocidental são testemunhos de sufrágios pelas Almas.

No século X é instituída a comemoração dos Fiéis Defuntos que passa para o calendário litúrgico, de 2 de Novembro.

Os trintários Gregorianos aparecem no séc. XIII, aprovados por São Gregório I, Papa.

Os Concílios de Leão em 1274 e Florença em 1438 afirmam a existência da purificação das almas antes de entrarem no Céu.

O Concílio de Trento, em 1545-1564, como já referimos, veio insistir e recomendar a existência do dogma da existência do Purgatório para combater a heresia de Lutero e dos protestantes que negam os livros da Sagrada Escritura referentes à existência do Purgatório. A partir daqui nascem as Irmandades das Almas e começam a aparecer os belos nichos das Alminhas envolvidas em fogo e a suplicar com ternura a oração e esmola dos transeuntes, como meio de abreviar o seu cativo e serem recebidas na alegria eterna da presença de Deus.

O documento contém 30 folhas e 26 capítulos.

A primeira folha apresenta uma bela pintura (iluminura) com dois Anjos: ao centro o título «Estatutos da Irmandade das Almas novamente instituída na paróquia de Sancta Marinha de Forjaens termo de Barcelos Anno de 1700»; ao fundo «Miseremini mei, miseremini mei saltem vos amiceime, ex. Job»¹.

Dos 26 títulos será citado o capítulo 18, fls. 9, corrigindo a grafia e completando as abreviaturas quando parecer conveniente para melhor compreensão.

No número 132, de 1991, da «Voz de Forjães», foi apresentado o n.º 24 «Da Caridade para com os irmãos enfermos».

CAPÍTULO 18.º

«Do que deve rezar por cada Irmão Defunto

Todos os Irmaons assim homens como mulheres serão obrigados a rezar por cada um irmão que morrer um rosário e isto logo que souber que o irmão he fallecido; e no dia do anual hum terço do rosário pellas almas do Purgatório, e os sacerdotes cada um dois resposços no dia do anual.»

¹ A tradução desta passagem do latim «Tende compaixão de mim, tende compaixão de mim ao menos vós meus amigos». Nesse tempo julgavam haver mais respeito pela Sagrada Escritura não fazer as suas traduções.